

O papel da investigação numa Escola de formação

Carlos Afonso

Introdução

Esta breve reflexão sobre a Investigação na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti pretende mais do que traçar um percurso histórico cronológico, identificar pontos que permitam olhar, criticamente, o passado e perspectivar o futuro. Assim, começar-se-á por questionar o papel da investigação, numa escola de formação, para a seguir se apresentar, de forma muito breve, os projectos actualmente em desenvolvimento.

Papel da investigação numa Escola de formação

Assim, ao tentar-se entender qual o papel da investigação numa escola de formação, no âmbito da Educação (de Infância, 1º ciclo e Social) e pertencente ao ensino politécnico emerge a consciência da necessidade da proximidade com a realidade, tentando contribuir para a sua interpretação e modificação.

Há que romper, de alguma forma, com a "tradição" portuguesa, de pesquisas de natureza eminentemente teórica, construídas para satisfação do ego do seu produtor ou das entidades "académicas". O destino do produto de horas e horas de trabalho é frequentemente o arquivo onde se enche de pó e rapidamente se desactualiza.

A investigação só é efectivamente consequente se daí resultarem frutos visíveis na transformação pessoal/social. Dessa forma, o

envolvimento dos actores sociais no terreno é fundamental assumindo-os como informadores privilegiados da realidade mas também como sujeitos activos da/na investigação. Os diferentes projectos da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti têm vindo a preocupar-se, neste aspecto, com a inserção nas suas equipas de profissionais de educação que desenvolvem as suas actividades docentes, nas escolas cooperantes.

Isto implica, igualmente, a necessidade de identificação de quais as áreas, em Portugal, efectivamente deficitárias ao nível da formação e investigação em Educação. Há que transpor algum pioneirismo da Escola, quanto à formação, e a sua reconhecida qualidade, para o domínio da investigação. Assim, têm surgido projectos nas áreas das novas tecnologias, expressões de comunicação, educação especial que conjugando saberes adquiridos buscam tornar-se caminhos fortes de investimento e de "excelência". A Escola tem aí, também, de assumir a sua diferença.

A investigação, numa escola de formação passa, igualmente, pelo equacionar da sua relação com a docência. Há que adoptar uma nova atitude em que a componente de pesquisa não é vista como um complemento mas como um ponto fulcral no percurso pessoal/profissional do professor de Ensino Superior. Se não se pode investigar eficazmente sem motivação interna, apenas por obrigação, também é certo que

cada vez é mais difícil ensinar sem ter suporte de pesquisa. O conhecimento, actualmente, é algo tão mutável que o risco da sua desactualização é permanente.

Esta nova atitude constrói-se também com tempo. A distribuição nos horários dos professores, de horas destinadas à investigação, foi um passo bastante positivo que permitiu criar momentos de encontro e partilha entre os elementos das equipas. Mas há ainda que atender ao tempo pessoal (frequentemente não passível de contabilização) para cada um, ao fazer leituras e reflexões, ir cimentando o seu percurso de construção. Ser investigador exige características e competências diferentes das do ensino pelo que é também um processo lento, numa dialéctica entre o colectivo e o individual. Assiste-se, aqui, também, a uma evolução qualitativa muito importante em vários Projectos. Aprender a trabalhar com o outro, na partilha de saberes e de ser(es) implica disponibilidade, maturidade e humildade que só são possíveis num caminhar conjunto de confiança. Nessa medida, o exemplo do Projecto Aia tem sido fundamental na abertura de novos caminhos.

Nesta relação entre investigação e docência há que encontrar também a forma de introduzir, na sala de aula, o conhecimento, aos alunos, dos objectos de estudo que se pesquisam e suscitar-lhes motivação para eles próprios investigarem. Quanto ao primeiro aspecto ele passa pela cada vez maior envolvência do docente em investigar, dentro das suas áreas de saber/ interesse/ docência. Se assim for, ele próprio se sentirá "tentado" positivamente a transmitir aos seus alunos o que "anda a fazer", reformulando e acrescentando novas pistas aos saberes produzidos. Esse seu exemplo pode ser fundamental para demonstrar o

valor da produção de conhecimento ao invés da mera reprodução.

A investigação numa escola com estas características tem de ser uma atitude de todos (alunos e professores). Há, por isso, uma forte necessidade de envolver os alunos, desde o início, em práticas de pesquisa e reflexão. Tem-se cada vez mais a consciência de que eles chegam ao Ensino Superior com um baixo domínio das ferramentas básicas de aprendizagem o que se traduz numa enorme dificuldade em ultrapassar um saber académico repetitivo feito com base em apontamentos, livros únicos ou fotocópias. Tal leva a que se sintam perfeitamente atordoados perante uma listagem de bibliografia ou a pesquisa para um trabalho. Se demonstram fortes conhecimentos na forma de retirar informação da Internet vêm deficientemente preparados quanto à sua selecção e análise crítica. Ora isto implica que os professores de uma escola de formação desenvolvam, desde o primeiro momento, práticas em que se valorize a aprendizagem do aluno e não o mero acto de ensinar, o que aliás se enquadra perfeitamente na lógica da Declaração de Bolonha. Há que criar "inquietação positiva" nos alunos, ou seja, levá-los a questionar a realidade e o seu papel como educadores. Só desta forma se poderá ultrapassar o senso comum e contribuir para a construção de um profissional reflexivo capaz de buscar respostas para os desafios de um futuro imprevisível.

É evidente que, neste domínio, cadeiras de introdução a metodologias de investigação assumem um papel importante mas não único. Elas têm de ser vistas como espaços de sistematização de conhecimentos e não como tendo o ônus de responsabilidade na criação de uma "mentalidade" investigativa. Todas as cadeiras de todos os cursos e com um relevo

especial para os estágios têm de contribuir para esse processo.

Outro domínio em que uma escola de formação tem de investir é na sua interligação com outras instituições da sociedade civil, nomeadamente empresas e serviços. Poder-se-ia pensar que face às especificidades da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti haveria poucas possibilidades de efectuar relações deste género. No entanto, há que atender às mais-valias externas que a escola pode apresentar quer no *know-how* dos seus docentes/investigadores em vários domínios, quer pela sua rede de escolas/instituições cooperantes. A criação de uma visibilidade de "excelência" em nichos potenciais do mercado empresarial/institucional atrairá certamente interesses pela colaboração. Neste momento desenvolvem-se, já, trabalhos de parceria com empresas/instituições como a Cnotinfor, Unesco, Universidade de Campinas, entre outras, que mostram bem a diversidade de actuações possíveis. Essa ligação começa também a estreitar-se numa perspectiva internacional, de que é exemplo, a envolvimento com universidades brasileiras e a participação em projectos europeus no âmbito das novas tecnologias. Aliás a inserção no espaço europeu, no âmbito da Declaração de Bolonha, e no espaço sul-americano com as relações privilegiadas com o Brasil (Unesco, FAFIRE, UFPE e Universidade de Campinas) permitem antever novos eixos de enriquecimento da pesquisa com a partilha entre docentes/investigadores (a curto prazo) e entre alunos/formandos (a médio prazo).

A visibilidade da investigação é igualmente um ponto importante de discussão. Muitas vezes o processo de pesquisa parece "invisível" já que se faz de trocas verbais de

ideias, de reflexões individuais e colectivas "intransponíveis" para o papel e irrepetíveis. É assim que também se vai construindo um espírito de equipa, fundamental para a criação. Mas há que encontrar o equilíbrio de modo a que se chegue a actividades concretas e a produções (escritas e/ou orais). Desvelar à Escola, no seu todo, o que se anda a pesquisar é uma urgência e certamente uma forma de suscitar novas motivações. É, igualmente, urgente divulgar, externamente, os produtos da investigação, remetendo assim a sociedade para o processo de tomada de consciência de si própria. A participação em encontros, seminários, fóruns e a publicação de artigos e documentos é essencial para que a reflexão ultrapasse os "muros da escola". Nesse sentido, anuncia-se, para breve, a edição de "Cadernos de estudos" temáticos que podem dar voz a essas produções.

O CIPAF - realidade actual e projectos futuros

As preocupações atrás expostas foram, ao longo dos anos, objecto de reflexão sobretudo no âmbito da Unidade de Investigação do CIAP (Centro de Investigação e Apoio psicopedagógico) criado, na Escola, em 1996. O trabalho aí desenvolvido consistiu, essencialmente, no lançamento das bases (motivacionais, físicas e institucionais) para o desencadear de estudos na área de Educação.

A evolução, entretanto verificada, ao nível da Investigação, na E.S.E. de Paula Frassinetti foi de tal forma evidente, que, nos últimos tempos, tornou-se necessário dar-lhe uma identidade própria, interna e externa. Nessa medida, foi criado, pelo Conselho Científico, o Centro de Investigação Paula Frassinetti (CIPAF) e definidas linhas prioritárias de investigação, agrupando os projectos existentes e outros a criar,

correspondendo às necessidades sociais de pesquisa nas áreas onde a escola se movimenta.

Dessa forma existem actualmente as seguintes linhas e projectos:

- **Linha A: Tecnologia, Educação e Aprendizagem.** Pretende investir na pesquisa sobre a utilização das novas tecnologias, no contexto educativo. Nessa medida, foi construído o "Projecto chave" (já concluído) que visou a construção de um espaço virtual de informação sobre educação e está em desenvolvimento o Projecto "Micromundos Aia" onde foram produzidos, em articulação, com as escolas cooperantes, três Micromundos destinados à população do Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico. Ambos os projectos obtiveram financiamento externo, através de concurso público.

- **Linha B: Identidades profissionais.** Conscientes da necessidade de reflectir sobre a formação prestada e a sua adequação à construção do perfil pessoal e profissional dos educadores de infância iniciou-se, há cerca de 3 anos, uma pesquisa ("Observatório de uma comunidade educativa em construção: análise dos perfis sociais, dos universos simbólicos e das trajectórias dos alunos da Licenciatura em Educação de Infância") que através da aplicação das histórias de vida, como metodologia de pesquisa, tenta apreender o efeito da trajectória escolar para captar a intersecção entre a socialização institucional e o seu progressivo endurecimento ao longo do projecto académico. Para além dos docentes/investigadores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti existe a colaboração de alunas finalistas da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- **Linha C: Expressões de Comunicação.** As preocupações desta linha surgem na continuidade do forte investimento da Escola de formação, na área das expressões e a constatação do contraste com a realidade de grande parte das escolas do 1º Ciclo e Jardins de Infância portugueses. Por um lado, existe um Projecto "A Didáctica da Expressão Plástica na Educação Pré-Escolar. Formas de operacionalizar a educação pela arte" que parte de uma atitude ou posição estética orientada para a importância desta área no desenvolvimento global da criança, tentando compreender quais os factores implicados no processo de aprendizagem da Expressão Plástica no Jardim de Infância. Ainda nesta linha de investigação está, neste momento, a iniciar-se o Projecto "Leitura: o despertar para a cidadania". Originariamente concebido e aplicado no Brasil resulta de um protocolo de colaboração com a Unesco no sentido da sua adaptação/reformulação para a realidade portuguesa. Baseando-se entre outros, nos pressupostos teóricos de Paulo Freire pretende-se uma dinamização da leitura no âmbito da pluralidade, percebendo o leitor como sujeito individual e colectivo que deve ser formado continuamente para ser protagonista da sua própria história. Este projecto irá ser desenvolvido em escolas cooperantes do 1º Ciclo do Ensino Básico e instituições cooperantes do Curso de Educação Social e terá a participação activa de alunos destas duas Licenciaturas.

- **Linha D: Desenvolvimento e riscos de desenvolvimento.** Esta linha agrupa vários projectos ("Crianças em Risco de Desenvolvimento - Factores de Risco Ambiental", "Crianças expostas ao álcool durante a gestação", "Construção e validação de uma escala de

atitu
mate
subs
grav
e n v
alun
Licer
sens
de ri
form
nesta
a par
de o
num
altan

- Lin
NEE
desta
ano:
Educ
dom
Des
espe
aten
Escc
envc
teóri
pop
edu
med
mo
"Difi
Int
"Cri
Esbo
col
inve
estra
maté

Assi
de Ir
de E
que
os
"ser
ano:
aprc
atrá
visib
os s
sem
até
Esco
a for

atitudes sobre a gravidez e a maternidade” e “Exposição a substâncias ilícitas durante a gravidez – A criança em risco”) envolvendo vários alunos/formandos das diferentes Licenciaturas com o intuito de os sensibilizar para factores preventivos de riscos de desenvolvimento e formas de trabalho com crianças nestas situações. Existe, igualmente, a participação efectiva de elementos de outras instituições universitárias numa colaboração proveitosa e altamente enriquecedora.

- Linha E: Estudo da criança com NEE. Dá-se corpo, com a existência desta linha, a um trabalho de vários anos, na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, no domínio da Educação Especial. Desde cursos de formação especializada até ao pioneirismo de atendimento à sobredotação; a Escola tem demonstrado um grande envolvimento com a problemática teórica e prática das respostas à população com necessidades educativas especiais. Nessa medida, desenvolvem-se, no momento, os Projectos **“Dificuldades de Aprendizagem - Intervenção Diferenciada”** e **“Crianças Sobredotadas - Esboços Com Significado”** com a colaboração de outros investigadores (nacionais e estrangeiros) de renome nesta matéria.

Assim, vai-se trilhando um caminho de Investigação na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti que permite começar a vislumbrar os resultados de algumas “sementes” lançadas há alguns anos. O futuro passa pelo seu aprofundamento, nas dimensões atrás expostas, reforçando a visibilidade e restituindo à sociedade os saberes (re)construídos. Esta é, sem dúvida, uma missão e talvez até uma obrigação, enquanto Escola Superior preocupada com a formação de agentes educativos

capazes de interpelarem, reflexivamente, o seu quotidiano.

No momento em que são comemorados 40 anos de vida da Instituição é importante contemplar a beleza do caminho percorrido no passado sabendo retirar dele novos rumos para um mundo todos os dias inesperado.